

# AUTOMEDICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE AGUAÍ

**MARTINS, Amábile Carolina Marques<sup>1</sup>**  
Faculdades Integradas Maria Imaculda – FIMI  
*amabile\_farm@hotmail.com*

**SILVA, Leandro de Oliveira<sup>2</sup>**  
Faculdades Integradas Maria Imaculda – FIMI  
*leandrooliveirasilva2009@hotmail.com*

## RESUMO

A automedicação é o uso inadequado de medicamentos, ou seja, é a prática de se utilizar medicamento por conta própria, sem um acompanhamento de um profissional médico ou farmacêutico. Os resultados da presente pesquisa sugerem que a prevalência da prática da automedicação se faz presente no município de Aguaí-SP. Segundo a pesquisa realizada foram entrevistados 61 indivíduos, onde 45 (73,7%) praticam a automedicação, sendo que, apenas 16 (26,3%) procuram o médico quando os sintomas já se agravaram. Desses 45 entrevistados o índice de automedicação se destacou entre as mulheres com 67,78% (26). Portanto, para se traçar o perfil do cidadão que se automedica, foi realizada uma pesquisa em ambos os gêneros, com faixa etária, onde, o índice que se destacou foi entre 20 e 29 anos com 42,22% (19), grau de escolaridade se destacou o ensino superior incompleto com 33,33% (15), em relação à renda familiar os que mais se automedicam estão na faixa de 1 a 3 salários mínimos 42,22% (19), o plano de saúde privado também pode ser considerado um problema na automedicação sendo que 53,33% (24) não pos-

---

<sup>1</sup> Farmacêutica, formada pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada. Técnico em Farmácia, formada pelo Colégio São Francisco de Mogi Guaçu. Auxiliar de farmácia na Essência Natural Farmácia com Manipulação, de 2007 a 2015. A partir de 2015, Farmacêutica substituta na Essência Natural Farmácia com Manipulação.

<sup>2</sup> Graduação em Farmácia pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (2010). Atualmente farmacêutico em farmácia de manipulação e drogaria da cidade de Moji Mirim e professor nas FIMI.

suem plano de saúde. Na pesquisa realizada os medicamentos que mais ganharam destaque foram os analgésicos com 50% (57), seguido pelos anti-inflamatórios com 20,17% (23). E para finalizar foram verificados para quais patologias esses indivíduos praticam a automedicação e nesse quesito se destacou a cefaleia com 19,4%. Isso demonstra a necessidade de trabalhos de prevenção e conscientização sobre a automedicação, o uso adequado dos medicamentos à população.

**Palavras-chave:** Automedicação. Conscientização. Profissional Farmacêutico.

## 1 INTRODUÇÃO

O medicamento é um bem essencial à saúde e uma importante ferramenta terapêutica, sendo responsável por parte significativa da melhoria da qualidade e expectativa de vida da população (ARRAIS et al. 1997).

É fundamental ao Sistema Único de Saúde (SUS) que o processo de sua inclusão esteja baseado em critérios que possibilitem a população o acesso a medicamentos mais seguros, eficazes e custo-efetivos, para atendimento aos principais problemas de saúde dos cidadãos brasileiros, levando em consideração que os medicamentos são a intervenção terapêutica mais utilizada e constituem uma tecnologia que exerce alto impacto sobre os gastos em saúde. (BRASIL, 2007).

No Brasil, embora haja regulamentação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para a venda e propaganda de medicamentos que possam ser adquiridos sem prescrição médica, não há regulamentação nem orientação para aqueles que os utilizam. O fato de se poder adquirir um medicamento isento de prescrição (MIP's) não permite o indivíduo fazer uso indevido do mesmo, isto é, usá-lo por indicação própria, na dose que lhe convém e na hora que achar conveniente (REVISTA DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA 2001).

A automedicação, quando nos referimos ao Brasil, quer dizer uso inadequado de medicamentos. Existem uma série de fatores que favorecem essa prática, sendo através da legislação que define o medicamento de venda livre, as práticas comerciais do varejo farmacêutico, o acesso restrito da população ao sistema de saúde e aos médicos, e a relação entre o medicamento e os meios de comunicação em massa (PACHELLI, 2003).

Normalmente a escolha do medicamento é baseada em recomendações de pessoas leigas, principalmente entre familiares, amigos íntimos ou até

mesmo vizinhos. O uso inadequado desses medicamentos, devido à dosagem ou até mesmo um tratamento incorreto pode causar uma piora no quadro clínico do paciente, podendo gerar grandes problemas (ARRAIS et al., 1997).

O hábito de armazenar medicamentos nos domicílios é prática comum em nosso país, constituindo um fator de risco para o aparecimento de agravos à saúde. Os medicamentos frequentemente são armazenados nas residências em local e recipiente não apropriado, facilitando o seu consumo irracional, acarretando no aumento das intoxicações intencionais ou não (TOURINHO et al., 2008).

É muito comum observar drogarias fazendo promoções “compre um e leve outro com 50% de desconto” ou tentando agradar seus clientes, oferecendo serviços de entrega em domicílio, ou seja, facilitando e incentivando o consumo de medicamentos (JESUS, YOSHIDA, FREITAS 2013).

A automedicação é realizada por uma parte da população, em busca de respostas rápidas para problemas corriqueiros como um resfriado, dor de garganta, virose. Esses medicamentos são vistos como inofensivos e alguns realmente possuem poucos riscos, mas quando associados com algum outro medicamento pode causar grandes danos (CRF-SP).

Assim podemos citar alguns possíveis riscos para a saúde do indivíduo através da prática da automedicação, como: Diagnóstico incorreto da doença; Retardamento do reconhecimento da doença, com possíveis agravamentos; Escolha de terapia inadequada; Administração incorreta do medicamento; Dosagem inadequada ou excessiva; Risco de dependência; Uso excessivamente curto ou prolongado; Possibilidade de efeitos indesejados sérios; Desconhecimento de possíveis interações com outros medicamentos; Possíveis reações alérgicas; Toxicidade; Armazenamento incorreto ou por tempo excessivamente longo do medicamento (MATOS, 2005).

Outro grande problema também está relacionado ao uso dos remédios, pretensiosamente chamado de medicina alternativa, ou popularmente conhecida por remédios caseiros, E, essas formulações são preparadas, na maioria das vezes, por leigos valendo-se das plantas medicinais, como babosa, chá de picão, pata de vaca. O efeito da maioria delas é desprovido de fundamentação científica, e sua manipulação por leigos pode afetar sua qualidade (Revista da Associação Médica Brasileira, 2001).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde, o mercado brasileiro dispõe de 32 mil medicamentos. No entanto, sendo considerado que 420 substâncias são necessárias para tratar as mais diversas doenças. Esse dado levantado pela OMS é o motivo pelo qual o Brasil encontra-se em sexto lugar entre os países consumidores de medicamentos (VIDAL, 2014).

No Brasil, entre os anos de 2009 e 2013, o Sistema Único de Saúde (SUS - DataSus), teve um grande número de registro de casos de intoxicação medicamentosa, em torno de 60 mil casos, a grande maioria devido a automedicação (DORO, 2014).

O Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade (ICTQ) atua nas áreas de Pesquisa e Pós-graduação com foco no mercado farmacêutico. Esse Instituto realizou uma pesquisa, entre os dias de 25 de março e 03 de abril de 2014, com 1.480 pessoas em 12 capitais brasileiras e obtiveram um resultado que 76,4% dos brasileiros praticam a automedicação, onde 32% consomem medicamentos isento de prescrição médica (MIPs). O hábito da automedicação ganhou espaço graças ao descaso da saúde pública no Brasil, para começar a reverter este cenário, como uma das principais ferramentas pode ser considerada a Prescrição Farmacêutica. A Assistência Farmacêutica é o conjunto de ações voltadas à promoção, proteção, e recuperação da saúde, tanto individual como coletiva, tendo o medicamento como insumo essencial e visando ao acesso e ao seu uso racional (DORO, 2014; BRASIL, 2004).

Dentro do conceito da Assistência Farmacêutica, insere-se o da Atenção Farmacêutica, atividade onde o profissional farmacêutico passa a atuar de formas mais efetivas na assistência do paciente (HEPLER, STRAND, 1990). O profissional farmacêutico da atualidade deve possuir conhecimentos essenciais, atitudes e habilidade que o permitam integrar-se à equipe de saúde e interagir mais com o paciente e a comunidade, contribuindo para a qualidade de vida desses pela otimização da farmacopeia e uso racional de medicamentos (MARIN, 2002). A Atenção Farmacêutica é um grande passo para minimizar a automedicação.

Diante do exposto, torna-se extremamente importante o estudo em relação à automedicação uma vez que essa prática pode causar danos na saúde dos indivíduos.

O presente trabalho teve como objetivo entender o que é automedicação, os principais motivos e riscos que essa prática pode causar, através de questionários, distribuídos em drogarias, avaliar e classificar o perfil do cidadão que mais se automedica.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado em 2 drogarias e 1 farmácia de manipulação no município de Aguai. Foram selecionados para o estudo 61 indivíduos adultos que correspondem ao critério de inclusão, a saber, idade

entre 18 e 80 anos, dos gêneros masculino e feminino e sem a prescrição médica para que se possa avaliar a automedicação. Já os critérios de exclusão são indivíduos menores de 18 anos, que possuam receituário médico ou que tenha algum tipo de deficiência que impossibilite a participar da pesquisa.

Os critérios avaliados nesse questionário aplicado foram dados importantes como, idade, gênero, grau de escolaridade, renda familiar, se possui plano de saúde e se pratica a automedicação. Também foi realizado um levantamento de quais medicamentos os indivíduos mais utilizam quando praticam a automedicação e os principais motivos e patologias.

A entrega dos questionários aos participantes foi realizada após suas abordagens, juntamente com a apresentação do objetivo do trabalho. O processamento e análise dos resultados obtidos estão apresentados em forma de tabelas e figuras para a melhor visualização e a discussão dos resultados; porém, sem a identificação dos participantes.

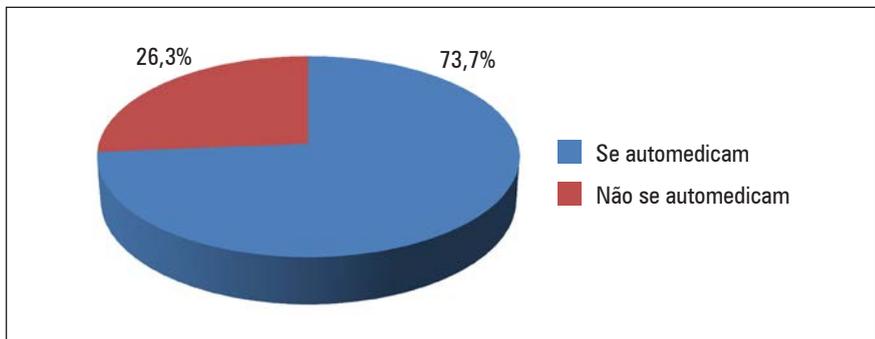
### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Distribuição dos resultados da pesquisa realizada

Na pesquisa realizada no município de Aguai foram entrevistados 61 indivíduos, que responderam o questionário que foi disponibilizado em duas drogarias e uma farmácia de manipulação.

Dos 61 entrevistados 45 (73,7%) praticam a automedicação e apenas 16 (26,3%) procuram o médico quando estão com algum problema, evitando a automedicação. (**Figura 1**)

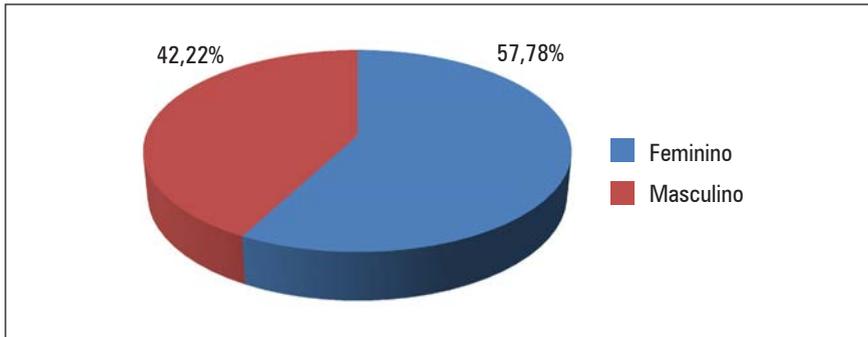
**Figura 1** – Distribuição dos indivíduos segundo a automedicação



Fonte: Autor, 2014

Desses 45 indivíduos que praticam a automedicação considera-se que 26 (57,78%) são mulheres e apenas 19 (42,22%) são homens. **(Figura 2)**

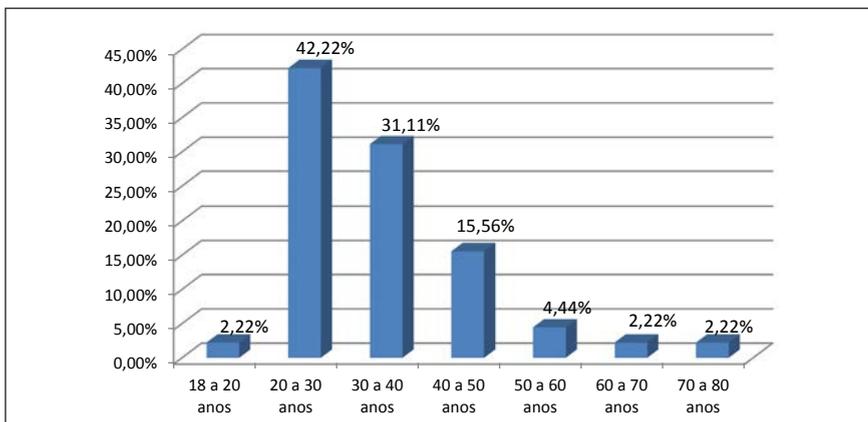
**Figura 2** – Distribuição dos indivíduos segundo o gênero que mais se automedicam



Fonte: Autor, 2014

Pela pesquisa pode-se perceber que a faixa etária de 20 a 30 anos é a que mais pratica a automedicação, sendo que dos 45 entrevistados, 19 (42,22%) encontram-se nessa faixa, enquanto uma faixa etária mais velha de 70 e 80 anos é apenas 1 (2,22%) indivíduo. **(Figura 3)**

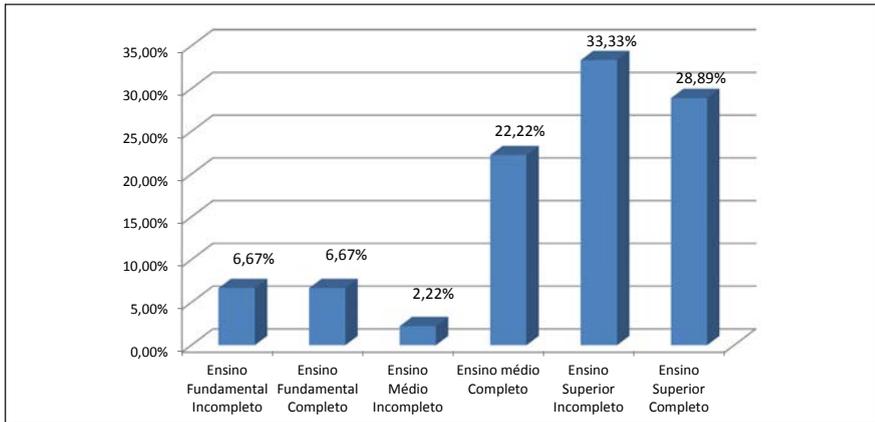
**Figura 3** – Distribuição dos indivíduos segundo a faixa etária que mais se automedicam



Fonte: Autor, 2014

A maioria dos entrevistados que se automedicam possui ensino superior incompleto 15 (33,33%), já o ensino superior completo é de 13 (28,89%). Apenas 1 (2,22%) indivíduo possui ensino médio incompleto. **(Figura 4)**

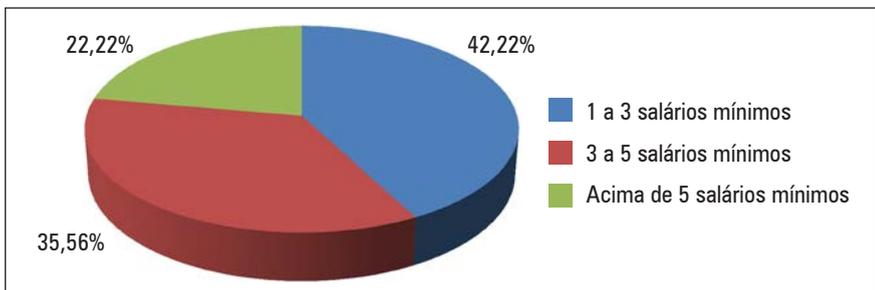
**Figura 4** – Distribuição dos indivíduos que se automedicam segundo o grau de escolaridade



**Fonte:** Autor, 2014

Também foi possível identificar através da pesquisa que os indivíduos com renda familiar de 1 a 3 salários mínimos são os que mais praticam a automedicação, sendo 19 (42,22%) dos indivíduos questionados. Já de 3 a 5 salários mínimos são 16 (35,56%) e os de renda familiar acima de 5 salários mínimos são apenas 10 (22,22%) dos indivíduos entrevistados. **(Figura 5)**

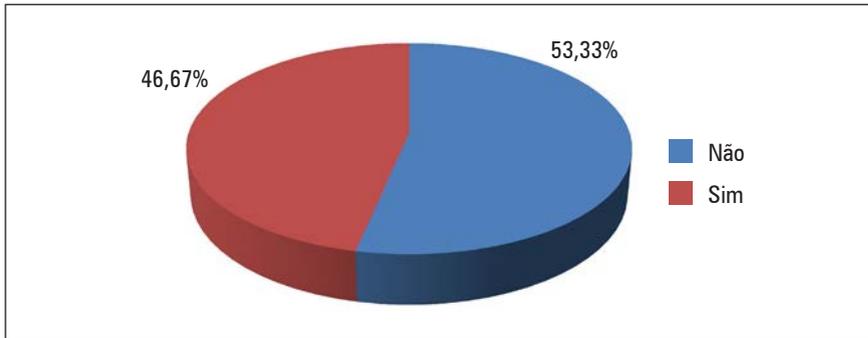
**Figura 5** – Distribuição dos indivíduos que se automedicam segundo renda familiar.



**Fonte:** Autor, 2014

Dos 45 entrevistados que praticam a automedicação, 24 (53,33%) dos indivíduos não possui plano de saúde e apenas 21 (46,67%) possui plano de saúde. **Figura 6**

**Figura 6** - Distribuição dos indivíduos que se automedicam segundo plano de saúde



Fonte: Autor, 2014

Na tabela 1, estão elencadas as classes de medicamentos mais utilizados na automedicação, segundo a pesquisa realizada.

**Tabela 1** – Medicamentos mais utilizados na automedicação

Medicamentos	Nº votos	(%)
Analgésico	57	50
Antiinflamatório	23	20,17
Antialérgico	8	7,02
Relaxante muscular	5	4,38
Antigripais	5	4,38
Antiácidos	3	2,63
Calmante natural	2	1,75
Antiemético	2	1,75
Anticolinérgico	2	1,75
Outros	7	6,14

Fonte: Autor, 2014

Na tabela 2, podem ser avaliados os principais motivos e patologias que levam os indivíduos a se automedicarem, sendo a principal patologia a

cefaleia com 19,4%, e o principal motivo ficou entre conhecimento da ação do medicamento e facilidade no acesso, ambos com 8,95%.

**Tabela 2** – Principais patologias e motivos que levam a automedicação

Patologias	Nº votos	(%)
Cefaléia	13	19,40
Dor na coluna	5	7,46
Dores em geral	4	5,97
Dor muscular	3	4,48
Infecção de garganta	3	4,48
Alergias	3	4,48
Gripe	2	2,98
Sintomas repetitivos	2	2,98
Motivos	Nº votos	(%)
Conhecimento da ação do medicamento	6	8,95
Facilidade no acesso	6	8,95
Demora no atendimento público	4	5,97
Falta de médico	3	4,48
Necessidade	2	2,98
Falta de tempo	2	2,98
Outros	10	14,92

Fonte: Autor, 2014

## 4 DISCUSSÃO

Os dados dos indivíduos foram coletados através de uma pesquisa realizada no município de Aguai, onde teve a colaboração de duas drogarias e uma farmácia de manipulação. Foram avaliados 61 indivíduos para determinar o perfil do cidadão que mais se automedica. Desses 61 (Figura1) entrevistados, 16 (26,3%) não praticam a automedicação, já 45 (73,7%) a fazem.

Existe uma série de fatores que favorecem essa prática. Um dos principais fatores que levam as pessoas a se automedicar é achar que o problema é pouco importante e como o acesso da população a médicos e ao sistema público de saúde é restrito, preferem procurar ajuda com pessoas não habilitadas, assim podendo colocar em risco a própria saúde. Outro grande problema é a propaganda massiva de medicamentos pela televisão, internet, revistas e que muitas vezes falam apenas do benefício oferecido e

também da legislação que define alguns medicamentos de venda livre, que não precisam de prescrição, que estão ao alcance de qualquer pessoa.

A falta de hospital na cidade de Aguaí, tendo apenas um pronto socorro (PS), faz que esses indivíduos procurem as drogarias, e até mesmo a farmácia de manipulação em busca de uma terapia rápida e eficaz para alívio imediato dos sintomas, e assim não enfrentando filas no PS, sendo na maioria das vezes, esses medicamentos indicados por vizinhos, parentes, propaganda de televisão ou até mesmo o próprio indivíduo que pesquisa na internet quais medicamentos que podem ser utilizados para o devido sintoma. Um grande problema também é quando esses indivíduos procuram a farmácia e, ao invés de chamar o farmacêutico, é atendido pelo balconista que na maioria das vezes indica vários medicamentos sem necessidade.

Na pesquisa realizada foram abordados 61 indivíduos, os quais 26 eram homens e 35 mulheres, sendo que 45 do total de indivíduos (Figura 2) praticam a automedicação e destes houve uma predominância do gênero feminino com 26 (57,78%) indivíduos e apenas 19 (42,22%) são do gênero masculino.

Para Arraias et al. (1997), a predominância do uso de medicamentos entre as mulheres é parcialmente atribuída à exploração pela propaganda de medicamentos de papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres, entre eles o de prover saúde à família. Em estudo realizado por Vilarino et.al (1998) comprova que o perfil do usuário da automedicação identificou que em sua grande parte os usuários são do gênero feminino.

Essa predominância no gênero feminino que foi obtido pela pesquisa pode ser considerada que as mulheres têm mais paciência na hora da abordagem, muitas vezes, por serem donas de casa e estarem mais próximas do acesso aos medicamentos (farmácias caseiras) e terem mais tempo para ir a estabelecimentos farmacêuticos com maior frequência, se preocupam mais com a saúde e até mesmo se mostram interessadas quando se trata de automedicação. A maioria alegou que prática a automedicação por falta de tempo de ir ao médico ou até mesmo a praticidade de ir a uma drogaria e comprar o medicamento para tratar um transtorno menos, mas muitas não sabem os riscos que estavam correndo em relação a interações medicamentosas, reações adversas ou até mesmo o óbito. Sendo que essas mulheres muitas vezes, com intenção de prover a saúde da família, compravam medicamentos para os filhos sem a prescrição médica ou farmacêutica. Durante a pesquisa foram orientadas que o melhor a fazer é sempre procurar o médico ou um farmacêutico para melhor orientação.

Segundo Bertoldi et.al (2004), a faixa etária que mais se automedica

está entre 20 e 29 anos. Confirmando com a pesquisa que foi realizada por Vilarino et al. (1998) que o perfil de automedicação no Brasil possui idade mediana de 28 anos, enquanto que para Bortolon et al. (2008), o uso da automedicação apresentou associação independentemente da idade.

Os dados obtidos na pesquisa realizada, com relação à faixa etária, corroboram com os achados de autores como Vilarino et al. (1998) e do Bertoldi et al. (2004), sendo que em Aguai a pesquisa mostrou que a faixa etária de 20 a 29 anos possui 19 (42,22%) indivíduos que se automedicam, seguido da faixa etária de 30 a 39 anos (31,11%), 40 a 49 anos (15,56%), 50 a 59 anos (4,44%), 60 a 69 (2,22%), 70 a 79 anos (2,22%) e 18 a 19 anos (2,22%). (Figura 3)

Essa faixa etária composta por indivíduos mais novos está relacionada principalmente a Internet que promove um autodiagnóstico que leva a uma automedicação sem qualquer informação de um profissional médico ou farmacêutico. Outros motivos que levam a automedicação é a autoconfiança que os indivíduos mais novos possuem, por que estão sentindo somente um sintoma repetitivo e que isso não significa que é a mesma doença, mas mesmo assim dispensam o médico para a nova consulta e vão direto às drogarias, onde o acesso ao medicamento é mais rápido e prático. Qualquer faixa etária deve ser aconselhada a procurar o médico ou ajuda do farmacêutico quando for à procura de medicamento para qualquer sintoma.

Quanto à escolaridade (Figura 4) houve um predomínio com nível superior incompleto, representado por 15 (33,33%) dos indivíduos entrevistados. Os que frequentaram o ensino fundamental incompleto foram representados por 3 (6,67%), ensino fundamental completo por 3 (6,67%), ensino médio incompleto por apenas 1 (2,22%), ensino médio completo por 10 (22,22%) e ensino superior completo composto por 13 (28,89%). A taxa de participantes analfabetos foi nula para ambos os gêneros.

Schmid et al (2010) relatou em seu estudo no município de São Paulo com 3.226 entrevistados, que quanto maior a escolaridade, maior a automedicação.

No estudo da relação do grau de escolaridade com a automedicação, a bibliografia apresenta dados controversos. Já que o estudo realizado por Bortolon et al (2008) com 218 idosos residentes no Distrito Federal, onde a maioria apresentava baixa escolaridade. Em relação aos idosos, a probabilidade de terem escolaridade alta é baixa, pois, antigamente, as mulheres não tinham o hábito de ir à escola.

Na realidade, a maioria das pessoas pratica a automedicação, mas os dados deste estudo confirmam a hipótese de que quanto mais o indivíduo

adquirir conhecimento na escola, faculdade ou até mesmo ao longo da vida, ele se torna mais confiante ao se automedicar.

No que se refere à renda familiar (Figura 5), observa-se um total de 19 (42,22%) indivíduos com renda familiar compreendida na faixa de 1 a 3 salários mínimos, seguidos de 16 (35,56%) dos indivíduos com renda familiar na faixa de 3 a 5 salários mínimos e apenas 10 (22,22%) dos indivíduos possuem renda mais que 5 salários mínimos.

Schmid et al (2010) que relatou em seu estudo que a proporção de automedicação aumentou conforme cresceu a renda. Filho et al (2002), também, obteve resultados semelhantes, a automedicação aumentou proporcionalmente com a renda familiar dos entrevistados. No que se refere à renda familiar, o índice de automedicação entre pessoas com alta renda é inferior à observada entre pessoas com renda menor, fato este confirmado por Ferreira et al (2009) que afirma que pessoas com menor renda passam por dificuldade financeira.

O alto custo das consultas particulares, a falta de hospitais e médicos faz que esses indivíduos, que possuem uma renda inferior, procurem uma drogaria ou manipulação para resolverem seus problemas. Diversas vezes trocam informações com vizinhos, parentes, enfim, pessoas leigas e assim podendo ocorrer uma piora nos sintomas. Durante a pesquisa esses indivíduos foram orientados a sempre procurar o médico ou o farmacêutico, para um diagnóstico correto, garantindo uma qualidade de vida melhor e até mesmo uma diminuição nos gastos com medicamentos, sendo que vão levar apenas o necessário.

Na pesquisa realizada dentre os 45 que praticam a automedicação 24 (53,33%) não possuem plano de saúde privado, enquanto 21 (46,67%) possuem plano de saúde privado (Figura 6). Não possui grande diferença, hoje em dia é mais acessível possuir um plano de saúde privado devido às várias opções e preços diferentes.

O estudo realizado por Vilarino et al. comprova que indivíduos que não possuem plano de saúde privado e são atendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) se automedicam mais do que indivíduos que possuem plano de saúde privado.

Mesmo com plano de saúde privado, nos dias atuais, encontra-se uma dificuldade em marcar consultas, isso leva aos indivíduos utilizarem receitas antigas o que também é considerada uma automedicação. Já no caso das pessoas que dependem do Sistema Único de Saúde, que no estudo foi a maioria, é devido a falta de médico, a demora no atendimento e muitas vezes o descaso com a população, o que leva os indivíduos a procurarem

as drogarias e manipulação.

A predominância dos analgésicos entre os medicamentos mais procurados é um fato comum tanto na automedicação praticada no Brasil como em outros países. O aspecto preocupante se correlaciona com a prevalência do uso da dipirona, medicamento cuja segurança tem sido bastante questionada (Arrais et al. 1997).

Do total de medicamentos utilizados, os analgésicos e anti-inflamatórios foram os que apresentaram maior percentual de uso, resultado similar a outro estudo nacional (Bertoldi et al. 2004).

Na pesquisa realizada (Tabela 1), foram descritos 114 medicamentos mais utilizados pelos indivíduos, separados assim por suas classes de medicamentos para melhor identificação. Os analgésicos foram o de maior percentual de uso, com 50%, seguido pelos anti-inflamatórios com 20,17%, antialérgicos 7,02%, relaxante muscular 4,38%, antigripais 4,38%, antiácidos 2,63%, calmante natural 1,75%, antiemético 1,75%, anticolinérgicos 1,75%, outros 6,14%.

Esse índice elevado de analgésico e anti-inflamatório pode ser devido aos medicamentos de venda livre, esses são medicamentos isentos de prescrição (MIP's), ou seja, não é necessário passar por uma consulta médica e pegar retirar uma receita para comprar o medicamento na drogaria ou manipulação.

De acordo com a Tabela 2, estão descritos os principais patologias e motivos que levam a automedicação, o que mais se destacou entre as patologias foi a cefaleia com a queixa de 13 (19,40%) indivíduos, o restante das patologias foram: dor na coluna 5 (7,46%), dores em geral 4 (5,97%), dores musculares 3 (4,48%), infecção de garganta 3 (4,48%), alergia 2 (2,98%), gripe 2 (2,98%), sintomas repetitivos 2 (2,98%). Já os motivos que se destacaram ficou entre conhecimento da ação do medicamento 6 (8,95%), facilidade no acesso 6 (8,95%), o restante dos motivos foram: demora no atendimento público 4 (5,97%), falta de médico 3 (4,48%) falta de tempo 2 (2,98%) necessidade 2 (2,98%), entre outros 10 (14,92%).

A cefaleia afeta indivíduos de todas as faixas etárias e de ambos os sexos, sendo mais prevalente em mulheres. É uma condição limitante que interfere na qualidade de vida e na produtividade, além de comprometer o relacionamento social e afetivo (Loyola 2010).

Segundo Vilarino et al (1998) em seu estudo, constatou que a cefaleia foi a principal queixa motivadora da automedicação; no entanto, Arrais et al (1997) também obteve resultados muito parecidos em seu estudo, no qual a dor de cabeça foi o segundo maior motivo que levou à automedicação.

A dor de cabeça, por ser um sintoma simples e, na maioria das vezes, é tratado por medicamentos isentos de prescrição (MIP's) faz que os indivíduos procurem direto a drogaria ou manipulação para tratar o sintoma, assim aumentando o índice de automedicação. Esses indivíduos teriam que ser orientados por um médico ou farmacêutico, uma simples dor de cabeça pode não ser tão simples assim, podendo estar relacionado com alguma outra doença mais séria se não tratado podendo levar a óbito.

No Brasil, grande parte da recomendação de medicamentos, sem prescrição médica, vem pelos familiares, amigos, ou por iniciativa própria.

Os MIP's mesmo sendo medicamentos isentos de prescrição possuem seus riscos, em relação à interação medicamentosa, reações adversas, intoxicação. Sempre procurar a orientação do profissional farmacêutico para melhor avaliação dos sintomas e decisão em relação ao encaminhamento médico ou prescrição de medicamento isento de prescrição.

A automedicação é considerada problema não só no Brasil, mas de ordem mundial, faz-se necessário alertar a população sobre os riscos que a mesma oferece, conscientizando-a quanto ao perigo desta prática. O problema é que no Brasil, onde o acesso à assistência médica pública é difícil e, a maioria faz parte da classe social de renda baixa, que não tem condições financeiras para pagar um plano de saúde, a prática da automedicação torna-se bastante comum.

O profissional farmacêutico dentro de suas habilitações é o mais capacitado para prestar orientação farmacêutica e prescrever medicamentos cuja dispensa não exija prescrição médica, levando em consideração a necessidade do paciente, assim diminuindo a automedicação e os problemas relacionados. A prescrição farmacêutica ainda é algo novo, e está ganhando o seu espaço, mas o farmacêutico está apto a garantir a qualidade de vida do paciente orientando sobre o uso racional de medicamentos e, consequentemente, minimizando a automedicação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A automedicação é o uso inadequado de medicamentos, ou seja, é a prática de se utilizar medicamento por conta própria, sem um acompanhamento de um profissional médico ou farmacêutico. Os resultados da presente pesquisa sugerem que a prevalência da prática da automedicação se faz presente no município de Aguai-SP. Isso demonstra a necessidade de trabalhos de prevenção e conscientização sobre a automedicação, o uso

adequado dos medicamentos à população.

Para isso, é imprescindível que o farmacêutico tenha a noção exata de sua competência e dos limites de sua intervenção no processo saúde-doença, assumindo sua parcela de responsabilidade na atenção ao paciente, comprometendo-se com a otimização do uso de medicamentos, contribuindo para que seja preenchida uma lacuna ainda existente na área de saúde. Sendo assim, é importante a participação ativa de profissionais da área da saúde, sobretudo médicos e farmacêuticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 31. fev. 1997.

BERTOLDI, A.D. et al. **Utilização de medicamentos em adultos: prevalência de determinantes individuais**. Revista de Saúde Pública. São Paulo, 2004.

BORTOLON, P. C. et al. **Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras**. Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 13, Jul./Ago. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 338, de 6 de maio de 2004**. Diário Oficial da União, 20 maio 2004.

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA. **Perigos da automedicação**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://portal.crfsp.org.br/noticias/5386-perigosautomedicacao.html>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

DORO, L. **Uso irracional de medicamento**. Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), 2014. Disponível em: <<http://ictq.com.br/portal/colunas-materias/uso-irracional-de-medicamentos>>. Acesso em: 5 out. 2014.

FERREIRA, W.; SILVA, J. H. M.; PASCHOAL, L. R. **Aspectos da automedicação na sociedade brasileira: fatores sociais e políticos**. Infarma, Brasília, v. 21, nº 7/8, p. 46-50, 2009.

FILHO, A. I. de L. et al. **Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí**. Revista de Saúde Pública, 2002, v. 36.

GALATO, D; MADALENA, J; PEREIRA, G, B. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação**. Ciências&Saúdecoletiva. Santa Catarina, 2012.

HEPLER, C. D., STRAND, L. M. **Opportunities and responsibilities in pharmaceutical care.** American Journal of Health-System Pharmacy, v. 47, 1990.

JESUS, A. P. G. A. S., YOSHIDA, N. C. P., FREITAS, J. G. A. **Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina. Enfermagem e odontologia.** v. 40, nº 2, Goiânia, abr./jun. 2013.

LOYOLA FILHO, A. I, UCHOA, E., GUERRA, H.L., et al. Prevalence and I. Corrêa TS, Santos KM, Galato D. **Prevalence and management of headache in a selected area of Southern Santa Catarina.** ArqNeuropsiquiatr 2010.

MARIN, N. **Educação farmacêutica nas Américas.** Revista Olho Mágico, Londrina, v. 9, nº 1, 2002.

MATOS, M. C. A. **Auto-medicação.** Portugal, 2005. Disponível em: <://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0048.pdf> Acesso em: 8 nov. 2014.

PACHELLI, C. A. **A propaganda de medicamentos e a prática da automedicação no Brasil.** v. 37, nº 2, Rio de Janeiro, 2003.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DA SAÚDE; **Automedicação.** v.47, São Paulo, 2001. Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-42302001000400001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 5 nov. 2014.

SCHMID, B. et al. **Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo.** Revista de Saúde Pública. São Paulo, v. 44, Dezembro 2010.

TOURINHO, F.S., BUCARETCHI, F., STEPHAN, C., et al. **Home medicine chests and their relationship with self-medication in children and adolescents.** J Ped 2008.

VIDAL, C. **Automedicação.** Revista Brasileira de Saúde de Ciência. n. 3, São Caetano do Sul jan/jun. 2014. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\_ciencias\_saude/article/view/552/396>. Acesso em: 7 nov. 2004

VILARINO, J.F. et al. **Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil.** Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 32. fev. 1998.